

A CRIANÇA TURISTA: A DIMINUIÇÃO DO SENTIDO DA INFÂNCIA ENCOLHERÁ O MERCADO DE TURISMO DE AVENTURA E DE ECOTURISMO?

Elizabete Sayuri Kushano
UFPR

RESUMO: Tem como objetivo primeiro refletir a necessidade do resgate do brincar na infância pela própria criança. Destarte, observa por meio de pesquisa bibliográfica e exploratória os benefícios socioculturais do turismo para a criança, bem como os benefícios econômicos da criança para o turismo, a saber: o viajar e a percepção da paisagem fazem parte do próprio desenvolvimento dos sentidos na infância. Também, o contato direto com a natureza na infância tende a surtir efeitos positivos, que refletem as atitudes e o comportamento dos adultos que as crianças vão ser. Ainda, verifica-se a importância do turismo para a criança no tocante do aumento da auto-estima, especialmente nas viagens só para as crianças, visto que elas se descobrem e se percebem capaz de realizar tarefas, de conviver com pessoas diferentes e de ser bem-quista. Nas viagens com os pais, observam-se as crianças tendo maior atenção por parte deles, o que faz com que elas se sintam mais seguras e próximas da família. Quanto a importância da criança para o turismo, observa-se o turismo infantil, especialmente as férias só para crianças, como um dos mercados mais emergentes no setor. Ademais, o público infantil é decisivo no poder de compra dos pais. Por fim, o presente trabalho analisa a pesquisa de março de 2010 do Ministério do Turismo, intitulada “Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturista”, realizada pela ABETA – Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura, referente à motivação principal dos participantes de ecoturismo e turismo de aventura que é o brincar, o voltar a ser criança e apresenta o resultado de que a criança sem experiência é o adulto sem resgate; o que implica sobre o encolhimento do mercado nas tipologias supracitadas

PALAVRAS CHAVES: criança; infância; turismo; resgate; mercado

ABSTRACT: This paper aims to discuss the rescue of the childhood by children themselves. Therefore, through an exploratory bibliography, it was observed the socioeconomical benefits of the tourism for the children; also the economic benefits from the children for the tourism. Traveling and the perception of landscapes are part of children’s development; Direct contact with the nature provides positive effects which contribute for a better adult life. Another important effect observed was high

Promoção



Realização



self-esteem; kids who participate in trips (the ones designed for them) have discovered a new world: they accomplish new tasks, meet new people, socialize. Tourism for children has been called the market attention: Children have power of decision when parents consider vacation. The paper is also a reflection on the research (March, 2010- Department of Tourism) named “Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturista”-Adventure Tourist and Ecotourism profile (made by ABETA- Brazilian Association for Ecotourism and Adventure tourism) which portrays the importance of tourism for bringing the childhood back: a child without experience is a child with no rescue; which explains the relation between bringing the children values back and the increase of tourism market.

KEY WORDS: children; childhood; tourism; rescue; market.

INTRODUÇÃO: A história social da criança indica a construção do termo “criança”, de acordo com o limiar do tempo e suas transformações na sociedade (ARIÈS, 1981; SARMENTO; PINTO, 1997). De forma geral, esses estudos esclarecem que o sentimento de infância, de preocupação e investimento da sociedade e dos adultos sobre as crianças, de criar direitos, deveres e, principalmente, o papel social da infância e da família são ideias que surgem com a modernidade. Neste sentido, a infância como categoria social é uma ideia moderna (SARMENTO, 2002; 2003).

O estudo do historiador francês Ariès constata a ausência do sentido de “infância”, tal como um estágio específico do desenvolvimento do ser humano, até o fim da Idade Média, onde a criança era considerada um adulto em miniatura. A perda de uma criança causava tristeza, mas era encarada como algo substituível. Naquela época, o índice de mortalidade infantil era grande e se acreditava que o nascimento de outra criança substituiria a que tinha partido (ÁRIES, 1981).

A construção do conceito de infância, como é conhecido nas sociedades de hoje, transita nos séculos XVII e XVIII, quando ela passa a ser definida como um período ingênuo e frágil do ser humano, que deve receber todos os incentivos possíveis para ser feliz. A morte da criança também passa a ser recebida com muito pesar, dor e sofrimento (ÁRIES, 1981).

No Brasil, as teses de Áries instigam os historiadores a procurar a realidade nacional, haja vista as particularidades em relação aos demais países ocidentais:

Tanto a escolarização quanto a emergência da vida privada chegaram com grande atraso. Comparado aos países ocidentais, onde o capitalismo instalou-se no alvorecer da Idade Moderna, o Brasil, país pobre, apoiado inicialmente no antigo sistema colonial e posteriormente numa tardia industrialização, deixou sobrar pouco espaço para tais questões. Sem a presença de um sistema econômico que exigisse a adequação física e mental dos indivíduos a uma nova forma de trabalho, os instrumentos que permitiram tal adaptação não foram implementados com a mesma eficácia. (DEL PRIORE, 2000, p. 10)

No início da colonização, as escolas jesuíticas eram poucas e para poucos. O ensino público só foi instalado no governo de Marquês de Pombal, na segunda metade do século XVIII, porém, de forma precária. No século XIX, os filhos dos pobres, em vez de educação escolar, recebiam a educação para o trabalho, tornando-se cidadãos úteis e produtivos na lavoura. Aos filhos de uma pequena elite, havia professores particulares. (DEL PRIORE, 2000).

Uma característica marcante da história da infância no Brasil diz respeito ao tratamento dispensado às crianças. Há relatos de sofrimento e violência, porém, destacam-se as passagens que retratam as dolorosas separações entre pais e filhos. “Os viajantes estrangeiros não cessaram de descrever o demasiado zelo com que, numa sociedade pobre e escravista, os adultos tratavam as crianças”, comenta Del Priore (2000, p. 11).

“Criança” e “infância” continuam sendo palavras complexas na sociedade atual. Uma sociedade dita pós-moderna, consumidora, capitalista e com pensamento em rede. Assim sendo, Kuhlmann Jr. e Fernandes (2004) apontam que a palavra “infância” evoca um período da vida humana no limite da significação, o período de construção/apropriação de um sistema pessoal de comunicação, de signos e de sinais destinados a fazer-se ouvir. Para os autores, o vocábulo “criança” indica uma realidade

psicobiológica referenciada ao indivíduo. Steinberg e Kincheloe (2001, p. 11), sintetizam, dizendo que o universo da infância é "um artefato social e histórico e não uma simples entidade biológica".

Na atualidade, costuma-se distinguir o indivíduo criança do indivíduo adolescente e do adulto, de acordo com a faixa etária. No Brasil, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente¹, considera-se criança o indivíduo entre zero a doze anos de idade incompletos.

Para Prout (2005, p.144), a infância tem múltiplos significados que, em uníssono, a caracterizam em um amplo, porém, denso sentido:

Childhood should be seen as [...] a multiplicity of 'nature-cultures', that is a variety of complex hybrids constituted from heterogeneous materials and emergent through time. It is cultural, biological, social, individual, historical, technological, spatial, material, discursive... and more. Childhood is not to see as a unitary phenomenon but a multiple set of constructions emergent from the connection and disconnection, fusion and separation of these heterogeneous materials.

Ao pensamento de Prout que trata das muitas infâncias existentes, acrescenta-se a reflexão sobre o ser criança e estar criança, além do que é ter infância e para quais indivíduos é permitido tal "privilégio". Nesse sentido, Souza e Pereira (2004, p. 37) exprimem a angústia da maioria das crianças contemporâneas, principalmente as de classe média a alta:

Criança pequena com agenda lotada. A televisão que se transforma em babá. Os pais ausentes. Carinho transformado em objeto. (...) a afetividade objetificada. Erotização da infância. Sexualidade. Publicidade. Cultura do consumo... Individualismo desencadeado

¹ Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 02 de abril de 2010.

pela ausência do outro. Apagamento da relação de alteridade. Criança sozinha. Criança que manda nos pais.

As crianças com agenda lotada, a quem a sociedade furta o lúdico, parece algo tão evidente que, muitos, isolados ou coletivamente, vêm desmotivando os pais ou responsáveis a tal comportamento, para que promovam uma infância com mais equilíbrio entre o dever e o lazer. Tanto que, em seu Dicionário do Futuro, Popcorn (2002) menciona as “crianças de vida livre”, ou seja, a necessidade de uma nova geração de crianças criadas sem excesso de programação.

Negrine, Bradacz e Carvalho (2001) comentam que, por meio do brincar das crianças, percebem-se as representações simbólicas que predominam em determinadas culturas. Acrescentam que, nas atividades de cunho lúdico e, provavelmente, somente por meio delas, é que a criança pode ser espontânea, conseqüentemente, criativa. De fato, o recrear-se, o brincar e o jogo, para alguns, ainda são percebidos como “coisa de criança”. Certamente, a ludicidade é intrínseca às crianças, porém, também o é na fase adulta do indivíduo (NEGRINE; BRADACZ; CARVALHO, 2001).

Um dos elementos singulares da infância sadia é o ato de brincar. Brincar é importante porque é preciso fortalecer a infância, para que a criança que existe dentro de cada ser humano, sobreviva na idade adulta, assegurando a sobrevivência da sensibilidade, da afetividade e da capacidade de encantamento (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BRINQUEDOTECAS, 2010).

Na realidade o brincar está para a criança, assim como o trabalho está para o adulto. É durante a atividade lúdica que a criança se desenvolve em sua plenitude, resolve problemas, descobre coisas novas, supera os desafios, socializa-se, enfim cresce do ponto de vista físico-motor, sócio-emocional e cognitivo. (BEE, 1996).

O turismo é uma forma de lazer que pode contribuir para o processo de aprendizagem e desenvolvimento pessoal do indivíduo. Em especial, as crianças podem aprender a cultura do outro, o vivenciar o novo, o diferente, bem como, o que

lhes é familiar. Terão mais facilidade em ser educadas para o lazer, sabendo dosar as responsabilidades com momentos de descanso e diversão. Seguindo esse raciocínio, Marcellino (2006, p.24) analisa que “o turismo pode e deve ser entendido como uma atividade cultural de lazer, oportunidade de conhecimento, de enriquecimento da sensibilidade, de percepção social e experiências sugestivas”.

Após tal embasamento teórico cujo intuito foi refletir sobre a necessidade do resgate da infância pela própria criança, se observará, a seguir, a importância do turismo para a criança e do público infantil para a atividade turística. Tais etapas foram realizadas por meio de pesquisa bibliográfica exploratória. Na continuidade, o tópico “A pesquisa ‘perfil do turista de aventura e do ecoturista no Brasil’ e sua relação com a infância” fará uma análise sobre um dos principais resultados do trabalho, que observou uma relação direta do futuro do *trade* de turismo de aventura e de ecoturismo com a necessidade de resgate da infância.

2- A IMPORTÂNCIA DO TURISMO PARA A CRIANÇA

O artigo 71 do Estatuto da Criança e do Adolescente diz que “a criança e o adolescente têm direito a informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento”. Assim sendo, a prática do turismo insere-se como uma atividade capaz de proporcionar informação, cultura, lazer e diversão para a criança, além de uma proposta de aprendizado cultural por meio da educação nos níveis formal e não-formal.

Na sociedade atual, tem-se abstraído o brincar, a produção cultural da criança, substituída pela produção cultural para a criança. O estresse infantil, distúrbios de aprendizagem, entre outros, podem ser sintomas de que algo não vai bem, em se tratando do lazer das crianças. Marcellino (2006) observa que é fundamental que se assegure à criança o tempo e o espaço para que o caráter lúdico do lazer seja

vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida para a criatividade e a participação cultural e, sobretudo, para o exercício do prazer de viver.

O viajar e a percepção da paisagem fazem parte do próprio desenvolvimento dos sentidos na infância. Nesse sentido, Tuan (1980) reflete sobre a diferente visão de mundo, do desenvolvimento do sistema perceptivo que as crianças apresentam ao longo dos anos. A percepção da paisagem requer, antes de tudo, as habilidades de fazer distinção nítida entre o eu e os outros e de avaliá-la esteticamente; habilidades essas ainda pouco desenvolvidas nas crianças menores de seis anos de idade. Apesar de a paisagem escapar à criança, ela está ciente dos seus vários componentes: um toco de árvore, água borbulhando num trecho de córrego, etc. Já uma criança acima de sete ou oito anos é capaz de conceituar o espaço em suas diferentes dimensões, gosta das sutilezas nas cores e reconhece as harmonias na linha e no volume. Nessa fase, a criança está, vibrantemente, aberta para o mundo (TUAN, 1980).

A percepção diferenciada da criança sugere que ela, como turista, merece atenção também diferenciada. Conhecer o universo particular das crianças é uma maneira de respeitá-la e conquistá-la.

Referente aos estudos da percepção da criança, as pesquisadoras Wells e Kristis (2007) analisam as dimensões da influência da natureza sobre crianças. Segundo elas, o contato direto com a natureza na infância tende a surtir efeitos positivos, que refletem as atitudes e o comportamento dos adultos que as crianças vão ser. Por meio de entrevistas com duas mil pessoas, com idades variando dos 18 aos 90 anos, as pesquisadoras testaram a possível relação entre o grau de envolvimento infantil com a natureza e as atitudes e os comportamentos em questões ambientais na idade adulta. A pesquisa demonstrou que acampamentos, brincadeiras no mato, caça e pesca, figuram entre as principais atividades a fundar os alicerces de um futuro ambientalista. Mas, também, serve colher flores, plantar árvores ou sementes e cuidar de plantas em casa, ou seja, manter contato com a "natureza domesticada".

Crianças residentes em grandes centros urbanos costumam ter pouco contato com a natureza. Dessa forma, os passeios e as viagens em que o contato com a natureza esteja na programação serão apazíveis e importantes para a consciência ambiental e o desenvolvimento cultural dessas crianças.

Educação ambiental e interação com a natureza junto às crianças têm sido oferecidas em agências especializadas, especialmente as de ecoturismo e aventura. Nesse sentido, é interessante observar as estratégias mercadológicas da Alaya, uma agência de esportes de aventura localizada na cidade paulista de Brotas. A agência convida os pais com filhos pequenos a conhecerem Brotas para praticarem esportes da natureza e indica que as crianças podem experimentar o arvorismo. Os mini-aventureiros a partir de quatro anos e medindo até um metro e quarenta centímetros de altura podem praticar a atividade, acompanhada por monitores profissionais de esportes de aventura e com equipamentos próprios para crianças, que obedecem às normas de segurança em vigor internacionalmente (ALAYA, 2006).

Em se tratando do desenvolvimento cultural, observa-se que a Educação Patrimonial busca levar as crianças a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA et al., 1999).

A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural”, que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Esse processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (HORTA et al., 1999).

Stoppa (1999) avalia que as programações de lazer e viagens para crianças devem, sempre que possível, conter aprendizados culturais e práticas pedagógicas.

Especialmente em acantonamentos e demais programas direcionados exclusivamente para as crianças, o momento é propício para se aprender com diversão.

Flores (2002) acrescenta que o distanciamento da família, por um tempo, é muito saudável e se constitui numa vivência de formação e informação, que fará muito bem para o amadurecimento social da criança. Temos, por exemplo, o aumento da auto-estima, visto que a criança se descobre e se percebe capaz de realizar tarefas, de conviver com pessoas diferentes e de ser bem-quista.

Ademais, “a programação para o público infantil deve proporcionar vivências múltiplas e ser adaptadas conforme a faixa etária”, destacam Negrine, Bradacz e Carvalho (2001, p. 67). Atividades na piscina (caça-trecos, natação, pólo aquático), atividades de artes (pintura, sucata, reciclagem, dobraduras), gincanas, piqueniques, bingo infantil, teatrinho, leituras de contos, brincadeiras de disfarces, jogos esportivos, videokê, mímica, jogos de caça ao tesouro, almoços e jantares infantis (dando descanso para os pais na hora da alimentação), são sempre bem-vindos.

Nota-se que muitos pais incentivam seus filhos a participarem de colônias de férias ou acantonamentos, com o intuito de ajudá-los a vencer a timidez ou outros traços de personalidade. Porém, algumas vezes, o efeito contrário é observado. “A experiência pode ser dolorosa, irreversível e traumatizante”, salienta Flores (2002, p, 105). As crianças tímidas podem “se fechar” ainda mais, rejeitando participar das atividades propostas, sentindo-se isoladas ou com medo e vergonha de conviver com pessoas diferentes. Nesse sentido, a responsabilidade e o tato dos profissionais em saber lidar com situações assim, como também conscientizar os pais sobre a ajuda continuada de outros profissionais, tais como psicoterapeutas e pedagogos, podem se fazer necessários para que a criança tenha mais auto-estima e vença a timidez.

As viagens de lazer com a família são, também, benéficas para as crianças. Muitas crianças, especialmente as que possuem pais que trabalham foram, ao desfrutarem da companhia deles durante toda a viagem, se sentem seguras e amadas, o que contribui para a auto-estima.

Em suma, a prática do turismo, pode propiciar independência à criança turista, como também momentos de cumplicidade e descontração com seus pais. Ademais, se planejada de modo adequado e executada por profissionais qualificados, permitirá o enriquecimento pessoal, a percepção de novas paisagens e aprendizados ao público infantil.

3- A IMPORTÂNCIA DO PÚBLICO INFANTIL PARA A ATIVIDADE TURÍSTICA

Swarbrooke (2002) aponta as férias só para crianças como um dos mercados emergentes em turismo, assim como o fenômeno das reservas diretas, as férias com serviços *all inclusive*, o mercado de casamentos internacionais, o ecoturismo e os cruzeiros econômicos. Complementa que “as crianças são consumidoras de turismo por si mesmas” (SWARBROOKE, 2002, p. 203). Além de influenciar a escolha dos destinos das férias da família, a atividade turística proporciona férias infantis exclusivamente para crianças desacompanhadas dos pais.

Nos Estados Unidos, por exemplo, o mercado do turismo infantil encontra-se bastante desenvolvido, devido ao movimento dos acampamentos de verão, com marcas registradas como o Camp América (SWARBROOKE, 2002).

No Brasil, o Guia Quatro Rodas (2008) apontou 2007 como um ano chave na revolução do setor para o atendimento às crianças nos hotéis, nos *resorts* e nas pousadas, citando os novos espaços para o lazer infantil, o treinamento e especialização de equipes e os cardápios mirins como tendência da hotelaria. Ademais, o Guia destaca algumas categorias de determinados empreendimentos hoteleiros, tais como: o quarto temático do Blue Tree Mogi das Cruzes, todo cor-de-rosa e conjugado ao quarto dos pais, equipado com TV de plasma, DVD e penteadeira. Porém, a “sensação é o chá da tarde que a hóspede pode oferecer, em sua suíte, para as amiguinhas do *resort*” (GUIA QUATRO RODAS, 2008, p. 75), bem como o cardápio infantil do Transamérica Comandatuba. “O cardápio é bem construído, alternando

alimentos nutritivos (arroz com brócolis e frango grelhado, por exemplo), com os hits infantis (*nuggets*, batata frita, etc.)” (GUIA QUATRO RODAS, 2008, 75). Figuram ainda como destaque a equipe de recreação do Casa Grande no Guarujá, composta por profissionais formados em Educação Física que desenvolvem atividades educativas e gincanas para as crianças e a “Tia” Carine Santos, do Club Med Trancoso, que, segundo o Guia, conquista as crianças por sua doçura.

As crianças propiciam o aumento dos departamentos de lazer e recreação, especialmente em hotéis de lazer e *resorts*, conseqüentemente, ampliando o *rol* de funcionários capacitados para planejar e executar atividades de recreação; ou mesmo, terceirizando tais serviços. As atividades mencionadas, além de contribuírem com o bem-estar e a atitude lúdica inerente às crianças, aconchegam os pais, que se permitem dispor de horas de despreocupação com os filhos.

Em se tratando dos profissionais de lazer e recreação, Negrine, Bradacz e Carvalho (2001) destacam o perfil profissional do recreador: deve ser alguém com facilidade de estabelecer relações interpessoais; que respeite a opinião dos outros; que tenha capacidade de tomar iniciativa e de ser mediador e que seja dono de um espírito criativo. Pimentel (2003, p. 73), afirma que “são muitas as denominações do profissional do lazer: recreador, animador sociocultural, agente cultural, promotor de eventos, gentil organizador”.

No Club Med, os profissionais do lazer são denominados de GO’s (gentis organizadores). Um GO precisa possuir entre 20 a 30 anos, ter personalidade (entusiasta e com iniciativa), falar mais de um idioma e ser especializado em esporte, hotel ou em infância (REVISTA PANROTAS, dez.2001, p.13, apud PIMENTEL, 2003, p. 97).

O serviço de recreação engloba mais uma alternativa de lazer que a hotelaria pode oferecer aos seus usuários. Ademais, as atividades recreativas podem ser consideradas um dos principais serviços adequados ao público infantil, no setor de hospedagem.

Referente às famílias, faz-se importante notar que o conceito “família” costuma variar de acordo com a cultura de vários países ou continentes. Em muitas partes do mundo, a família típica é constituída com os dois pais e de um a três filhos (núcleo familiar). Porém, em lugares como no Oriente Médio, por exemplo, há famílias com elevado número de filhos e a inclusão de outros parentes no grupo das férias, como também no envolvimento na decisão da compra (SWARBROOKE, 2002). Ademais, observa-se o aumento de famílias com pai ou mãe solteiros e com um único filho.

Muitas famílias escolhem férias que satisfaçam às necessidades dos filhos, necessidades essas que variam conforme a idade, por exemplo, os bebês, que necessitam de segurança e conforto garantidos. Nesse caso, os pais escolhem hotéis e companhias aéreas que ofereçam serviços especiais, como comida para bebês (SWARBROOKE, 2002).

Cobra (2005) acrescenta que uma família com filhos pequenos compra diferentemente de uma família com filhos em idade escolar; pois a época de férias é diferente para cada ciclo de vida das famílias.

Cooper *et al.* (2001, p.36) analisa a infância e a demanda turística do seguinte modo:

En esta fase, otras personas toman las decisiones, aunque, por supuesto, los niños tienen cierta influencia sobre sus padres. Hacia los 11 años algunos niños se van de vacaciones con el colegio o grupos organizados, en desplazamientos generalmente nacionales.

Esses apontamentos indicam que o mercado turístico deve estar atento ao mercado das famílias, em especial, as com filhos pequenos, pois além de eles influenciarem a decisão da compra, são decisivos para os pais, em termos de escolhas de produtos e serviços turísticos que tenham adequações para eles. Nesse sentido, explica-se a preferência de muitas famílias por férias *self-catering* (auto-abastecimento), em parte, pelo desejo de minimizar os custos das férias, mas também resulta do desejo que algumas famílias têm de fugir às regras de etiqueta e às formalidades próprias à hospedagem em hotéis e à necessidade de fazer refeições em

horários rígidos. Ademais, “as crianças costumam ter dificuldades de se adaptar a regimes tão rigorosos” (SWARBROOKE, 2002, p. 197).

O mercado turístico deve estar atento, também, às viagens exclusivas de crianças. Sendo uma tendência o aumento das crianças que viajarão em grupos de pessoas pertencentes a mesma faixa etária, tal fato indica a necessidade em adequações físicas e humanas, ou seja, produtos e serviços exclusivos e direcionados para o público infantil, como também, profissionais capacitados para atendê-las.

Um exemplo é o Sítio do Carroção, um meio de hospedagem exclusivo para crianças, localizado em Tatuí, São Paulo. Promovido como um resort pedagógico exclusivo para crianças e jovens de 5 a 16 anos, o Sítio ocupa uma área de 648.000 metros quadrados de bosques e gramados. Inaugurado em 1974, tem atrações como o sítio arqueológico, com fóssil do *Tiranossauro rex*, a caverna artificial, o minizoológico e o aquário de peixes brasileiros e jacarés.

Conforme observado, as singularidades existentes no universo infantil sugerem que produtos e serviços necessitam ser especialmente planejados e adequados aos pequenos consumidores vigilantes, para que lhes sejam atrativos, seguros e úteis (KUSHANO, 2007).

4 A PESQUISA PERFIL DO “TURISTA DE AVENTURA E DO ECOTURISTA NO BRASIL” E SUA RELAÇÃO COM A INFÂNCIA

O Ministério do Turismo lançou em março de 2010 o “Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturista no Brasil”, realizado pela ABETA – Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura.

O documento inicia-se com o depoimento (p.5) de um homem, de 30 anos, solteiro, que mora com amigos e é administrador de empresas em São Paulo:

Viajar é prazer, aventura, distração, renovação, é o mais importante da vida. É proporcionar alguns resgates de memória, te deixa bem física, mental e

Promoção



Realização



espiritualmente. Remete à sua infância, ao seu futuro, te dá paz, tranqüilidade, muita esperança, é uma coisa que vale a pena (...) Quando você faz uma viagem dessas, você volta à infância, porque você brinca muito. Você é meio adolescente, meio criança. É a natureza que você tinha quando era criança...(...) Turismo de natureza é renovação (...).

Na mensagem do Ministro de Estado do Turismo, Excelentíssimo Sr. Luis Barretto , ressalta a importância do setor no cenário mundial: “o Brasil foi escolhido para coordenar o Grupo de Trabalho Internacional sobre o Turismo de Aventura no âmbito da ISO, que irá elaborar as normas mundiais para o segmento” (p. 6).

Na mensagem do presidente da ABETA, Sr. Jean-Claude Marc Razel: “uma informação essencial dessa pesquisa é a capacidade do Ecoturismo e do Turismo de Aventura resgatarem nos turistas sensações e vivências da infância. Ela mostra o quanto as atividades ao ar livre fazem parte da bagagem que cada um leva na vida” (p.7).

Foram pesquisados homens e mulheres entre 18 e 59 anos; que viajaram dentro do Brasil nos últimos 12 meses; decisores ou participantes ativos nas escolhas de viagens; com motivações diversas; que pagaram ou pagariam por alguma atividade/interação com a natureza; residentes nas capitais dos maiores pólos emissores do País: São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

Utilizaram-se os conceitos oficiais de turismo de aventura e ecoturismo divulgados no trabalho Segmentação de Mercado: marcos conceituais (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2005) quais sejam, “Turismo de aventura compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não-competitivo” (p. 13)

Já o Ecoturismo é o segmento da atividade turística que utiliza, “de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações” (p. 13).

A pesquisa em questão utilizou-se da metodologia qualitativa e da quantitativa. Observa-se um cuidado com relação à concepção dos entrevistados/questionados no sentido dos conceitos entre ecoturismo e turismo de aventura, bem como distinguir recreação passiva e ativa respectivamente.

A amostra qualitativa aleatória foi realizada nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Belo Horizonte, no mês de julho de 2009, contemplando 45 pessoas, privilegiando as emoções e, não, as falas. Ao longo da pesquisa foram relatadas parte das falas dos entrevistados, onde se percebe que há uma conexão entre as emoções vividas na prática das atividades com resgate do mundo infantil e o contato a natureza, onde o 'brincar' é algo inseparável das vivências do ecoturismo e do turismo de aventura.

Na etapa quantitativa, foram entrevistados 904 turistas de aventura e ecoturistas atuais e potenciais, abordados nos seus domicílios ou em pontos de fluxo de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo.

Por meio do método dos mapas perceptuais, gerado por meio de associações estimuladas por palavras, observou-se que as palavras mais próximas ao turismo de aventura foram: sair da rotina, brincar, vontade de fazer de novo, diversão.

Nas Considerações Finais da Pesquisa, no subtópico "O sentido (código) da viagem no Brasil" (p. 86), comenta-se que:

(...) Sentindo-se aprisionados pela rotina de trabalho, correria e estresse, os brasileiros desejam fugir do dia a dia e resgatar o prazer da vida, voltando às suas origens, ou seja, retornando à infância. A viagem permite satisfazer essas duas grandes necessidades contemporâneas. Viajar é fugir. Quando se viaja, volta-se a ser criança, pode-se brincar muito e não se tem as obrigações do cotidiano.

A viagem dá a sensação de liberdade e ser livre é não precisar decidir. "A criança tem pai e mãe para cuidar. O adulto está sufocado com suas obrigações. Voltar a ser criança é se deixar levar" (p. 86), conforme representa a ilustração 1, a seguir:

Promoção



Realização



ILUSTRAÇÃO 1: O SENTIDO DA VIAGEM



Fonte: Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturista no Brasil, p. 86

A pesquisa deixa claro, intitulado o subtópico seguinte 'A Chave': “todos aqueles que querem participar das viagens desses brasileiros, disponibilizando produtos e serviços para o seu prazer, devem compreender que a real necessidade da pessoa é virar criança, fugir” (p. 87).

Nesse sentido, se as crianças têm experiências positivas em suas viagens, se interagem com a natureza e nela praticam atividades prazerosas, além de levarem consigo os pais, desejarão, no futuro, resgatar esses momentos, voltando a ser crianças. “Quando tiverem filhos, completarão esse círculo virtuoso” (p. 87).

A seguir, a pesquisa salienta que os ofertantes do turismo devem focalizar suas estratégias na geração de experiências nas crianças e no resgate do prazer da infância pelos adultos, pois o que já se observa é um acultramento da oferta.

ILUSTRAÇÃO 2: A AMEAÇA

Promoção



Realização





Fonte: Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturista no Brasil, p. 88

A ameaça está no elevado envolvimento das crianças com atividades indoor, como por exemplo: os *shoppings centers*, a TV, o videogame, a internet em geral e a prática de esportes em quadras e academias, pois têm distanciado as crianças da natureza e da prática de atividades ao ar livre. “No médio prazo, grande parte das crianças de hoje não terão lembranças de vivências na natureza, porque sequer a conheceram” (p. 88). Em outras palavras, “crianças sem experiência levam a adultos sem resgate e, conseqüentemente, a um encolhimento do mercado de atividades na natureza”.

A pesquisa apresentada em seus apontamentos pertinentes ao presente trabalho endossam a necessidade e importância do ser criança e ter infância. Ademais, reafirma que o turismo é salutar para a criança e atesta a importância chave da criança para a atividade turística, fazendo-nos refletir na urgência em resgatar os valores da infância.

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infância e criança são elementos socioculturais, dimensionados conforme o transcorrer do tempo, da história. Ademais, infância e criança são plurais, em razão

das diversidades socioculturais da realidade das crianças e o modo como elas vivenciam suas infâncias.

Em um mundo globalizado, onde a infância avança cada vez mais diluída e diminuta, há que se preservarem os valores na criança de elementos singulares de uma infância sadia, onde o brincar, o divertir-se e os aprendizados culturais, por meio de passeios e viagens, por exemplo, estejam presentes, ou seja, ser efetivamente criança, e não apenas estar criança.

Enquanto a infância de papel (que discursa sobre os direitos da criança por meio de programas, projetos, leis e estatutos) contrastar com a realidade, o papel da infância na formação do indivíduo continuará sendo privilégio de poucos e reforçará um retrocesso: o das crianças voltarem a ser adultos em miniatura.

Em se tratando de aspectos mercadológicos, o fato transcende a necessidade de que produtos e serviços turísticos sejam práticos e esteticamente adequados às crianças e cômodos para os pais. A viagem ou o passeio turístico pode ser um exercício prático para expandir o olhar da criança, buscando a compreensão dos lugares que expressem diferentes paisagens e manifestações culturais, que não estão presentes em seu cotidiano, como as que estão.

O elevado envolvimento das crianças com atividades *indoor* e com as agendas lotadas, repletas de programações, de compromissos, tem distanciado as crianças da natureza e da prática de atividades ao ar livre. A tendência é que em médio prazo, grande parte das crianças contemporâneas não terá lembranças de vivências na natureza, porque sequer a conheceram. Essas crianças serão adultos sem necessidade de resgatar a infância, de querer brincar e de serem, por exemplo, ecoturistas e turistas de aventura.

A pesquisa “Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturista no Brasil” apresentada em seus apontamentos pertinentes ao presente trabalho endossam a necessidade e importância do ser criança e ter infância. Ademais, reafirma que o turismo é salutar para a criança e atesta a importância chave da criança para a atividade turística,

fazendo-nos refletir no resgate dos valores da infância, não somente pela preocupação do encolhimento do mercado, mas principalmente, no presente e futuro das crianças como seres humanos em formação e na pergunta: que tipo de adultos a sociedade está construindo?

6- REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Tradução: Dora Flaksman. 2ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BRINQUEDOTECAS. Histórico. Disponível em <<http://www.brinquedoteca.org.br>>. Acesso em 20 de janeiro de 2010.

BEE, Elizabeth. *A criança em desenvolvimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRASIL. Lei n. 8068, 13 de julho de 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências* (ECA). Brasília, DF, 1999. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em 10 de janeiro de 2010.

BROTAS: ideal para férias com toda a família. In: ALAYA Centro de Aventura. Disponível em: <<http://www.alaya.com.br>>. Acesso em 2 jul. 2006.

COBRA, M. *Marketing de serviços: turismo, lazer e negócios*. São Paulo: Cobra, 2005.

COOPER, Cris *et al.* *Turismo: princípios e práticas*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

DEL PRIORE, M. (org.) *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

FLORES, P. S. O. *Treinamento em qualidade – fator de sucesso para o desenvolvimento de hotelaria e turismo*. São Paulo: Roca, 2002.

GUIA QUATRO RODAS Brasil 2008. São Paulo: Abril, 2008.

HORTA, M. L. P. *et al.* *Guia de educação patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

KUHLMANN JÚNIOR, M.; FERNANDES, R. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, L. M.(org.). *A infância e sua educação – matérias, práticas e representações* (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

KUSHANO, E. S. Adequação de meios de hospedagem para crianças: um foco no Ecoresort Tororomba, Distrito de Olivença, Ilhéus, Bahia. In: *Revista Hospitalidade*, ano 4, n. 1. p. 49-62. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

MARCELLINO, N. C. *Estudos do lazer – uma introdução*. 4.ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

MINISTÉRIO DO TURISMO. *Perfil do turista de aventura e do ecoturista no Brasil*. São Paulo: ABETA, 2010.

MINISTÉRIO DO TURISMO. *Segmentação do turismo: marcos conceituais*. Brasília: Ministério do Turismo, 2005.

NEGRINE, A.; BRADACZ, L.; CARVALHO, P. E. G. *Recreação na hotelaria: o pensar e o fazer lúdico*. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

PIMENTEL, G. G. A. *Lazer: fundamentos, estratégias e atuação profissional*. Jundiaí: Fontoura, 2003.

POPCORN, F.; HANFT, A. *O dicionário do futuro: as tendências e expressões que definirão nosso comportamento*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

PROUT, A. *The future of childhood: towards the interdisciplinary study of children*. New York: Routledge Falmer, 2005.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e da educação*. Porto: Edições Asa, 2004.

SARMENTO, M. J. Imaginário e culturas da infância. *Cadernos de educação*, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M. & SARMENTO, M. J. *As crianças, contextos e identidades*. Braga, Portugal. Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Ed. Bezerra, 1997.

SOUZA, S. J.; PEREIRA, R. M. R. Infância, conhecimento e contemporaneidade. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. (orgs.) *Infância e produção cultural*. São Paulo: Papyrus, 2005.

STEINBERG, S. R.; KINCHELOE, J. L. (orgs.) *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

STOPPA, E. A. *Acampamentos de férias*. Campinas: Papyrus, 1999.

SWARBROOKE, J. *O comportamento do consumidor no turismo*. Tradução: Saulo Krieger. São Paulo: Aleph, 2002.

TUAN, Y. *Mundos pessoais: diferenças e preferências individuais*. In: _____. *Topofilia*. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

WELLS, N.; KRISTIS, L. Nature and the life course: pathways from childhood nature experiences to adult environmentalism. *Children, Youth and Environments* 16(1), 2006. Disponível em <<http://www.colorado.edu/journals/cye/>>. Acesso em: 27 maio 2008.

Promoção



Realização

